

REABERTURA

Apenas um começo

Nas reações ao 'desagravamento', ficam registos de satisfação, mas também a consciência que 2.ª feira marca apenas um pequeno passo na retoma.

Por **David Spranger**
davidspranger@jm-madeira.pt

A Ordem dos Economistas vê com bons olhos as medidas de gradual retoma da atividade comercial, mas para Paulo Pereira os efeitos não se vão ainda fazer sentir a partir de segunda-feira. "A reabertura é positiva, como já havia sido a da construção civil, mas temos que ver como se irá processar, porque o pequeno comércio irá ainda sofrer as consequências, dado que as pessoas, em lay off ou desempregadas, não terão dinheiro para o consumo". Paulo Pereira admite que mais tarde a dinamização possa se intensificar, porque "a dinâmica

que os restaurantes e café dão à vida social vai fazer muita falta" por agora.

Ainda assim, "quanto mais cedo se começar com a retoma". Todavia, lamenta a divisão da população em duas franjas: "é uma utopia ter esta sociedade dividida entre aqueles que têm os salários garantidos e a 100%, que é a Função Pública, e o privado que, ou está a ficar desempregado ou está em lay-off e grande parte não vai receber este mês". E, conforme "já vai sendo dito, as consequências da miséria serão bem maiores do que as da covid", mostrando reservas quanto ao futuro.

Paulo Pereira deixa implícito que a grande retoma só se dará com o Turismo, mercado que "infelizmente não depende apenas da ação da Região".

Também Veiga França, presidente da ACIF, enaltece a parcial reabertura, mas diz que será necessário muito mais para revitalizar a economia. "É importante que se iniciem estas atividades, no respeito das medidas de segurança associadas, mas esperando que possam, gradualmente, serem abertas outras áreas", referiu ao JM.

"Infelizmente", prosseguiu, "a nossa única acessibilidade, o aeroporto, ainda está bastante reduzida e isso limita em muito as nossas atividades". Também anseia pela reabertura de "restaurante e bares e atividades de turismo, de uma forma geral", esperando que isso "possa ser conseguido em breve".



Paulo Pereira, presidente da direção regional da Ordem dos Economistas



Jorge Veiga França, presidente da direção da ACIF.



Manifesta confiança

Pelo PSD, foi Bricio Araújo quem destacou que "somos das regiões da Europa com menos casos, não temos qualquer óbito a lamentar e entendemos que estão reunidas as condições para estas medidas. Mas não estamos numa situação de normalidade, o que obriga a fazer uma avaliação constante, podendo, caso as circunstâncias se alterem, gradualmente reduzir as medidas. Conforme o presidente disse, o que suceder agora irá determinar ou o avanço nestas medidas ou eventualmente uma reversão. Estas medidas são, acima de tudo, uma grande manifestação de confiança nos madeirenses e, o sucesso daquilo que tem acontecido na Região, tem dependido do seu comportamento exemplar. Estão conscientes que que estamos um inimigo desconhecido e temos que manter a máxima prudência para evitar que todo o caminho já percorrido, possa sofrer alguma reversão".



Medidas sensatas

Pelo PS, Miguel Iglésias, líder do grupo parlamentar, expressa que "consideramos que as medidas anunciadas são sensatas, e estão em linha com o delineado a nível nacional. Começar a reabertura das atividades económicas pelo pequeno comércio, pois envolve a circulação de menos pessoas, e é mais fácil de nesta primeira fase incutir os hábitos de segurança individuais que temos naturalmente de cumprir. Falta saber as orientações para os transportes públicos, e também para as escolas e creches, que será porventura a decisão mais complexa, mas haverá algum tempo para avaliar e tomar a decisão definitiva. A reabertura de atividades na segunda-feira é muito importante para as empresas e os trabalhadores, pois estamos perante um processo de destruição económica sem precedentes e temos de recuperar o mais rápido possível".



Exemplo para o País

Para o CDS, de acordo com Lopes da Fonseca, "as medidas são as mais corretas nesta fase. Continuarão a existir medidas de contenção para se evitar dar passos atrás, pois a Madeira e a sua população tem sido um exemplo para todo o país! Somos a única região, felizmente, ainda sem óbitos e com uma taxa de infetados muitíssimo inferior aos Açores e ao Continente! Haverá a necessidade de avaliar estes passos e confiamos que o processo irá correr bem! Louvamos o facto do governo descansar as famílias anunciando que em maio nenhuma escola irá abrir! O regresso às aulas poderá não ser necessário, pois na Região as aulas pelos meios digitais estão a correr muito bem! O caminho é cauteloso e correto no sentido de permitir o relançamento paulatino da economia! Mais tarde serão dados outros passos para permitir que o sector do turismo comece a recuperar".



Lamentável omissão

O JPP, conforme Paulo Alves, "está de acordo com uma abertura gradual e faseada das atividades económicas, dos serviços económicos, que no fundo é tentar uma recuperação gradual da nossa economia. Contudo, o JPP não pode deixar de lamentar o facto de o Governo Regional não seguir o exemplo do Governo Nacional que, antes de divulgar as suas propostas, reúne com os partidos políticos para informar sobre as medidas e auscultação da opinião destes partidos. Há, ainda, o facto, do Governo Regional ter acesso a informações patentes em relatórios da Autoridade de Saúde Regional e que, se houvesse a tal reunião de apresentação das medidas a implementar no período de estado de calamidade, seria matéria a divulgar aos deputados para um maior enriquecimento do trabalho colaborativo entre o Governo Regional e a própria ALRAM".



Alguma preocupação

Ricardo Lume, do PCP, diz que "acompanhamos as medidas com alguma preocupação visto que há um conjunto de atividades que têm que ser retomadas, mas é necessário garantir todas as normas de segurança e saúde no trabalho. É necessário que o Governo Regional tenha um papel de fiscalização, mas também de criar condições para que as micro e pequenas empresas, consigam manter os meios para essa segurança. Os madeirenses fizeram um grande esforço e não se pode andar agora para trás. Outra situação que nos preocupa, é que verificamos que muitas das empresas ainda não tiveram acesso a qualquer tipo de apoio. São 45 dias sem faturar, mantendo as suas obrigações, e a Segurança Social não foi capaz de processar todas as situações de lay-off. E veremos nesse dia quatro se todas as empresas estão em condições de abrir portas".